

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE PEDAGOGIA

DEBORA COSTA BELFORT

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
DE CASO NUMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE SÃO LUÍS-MA**

São Luís

2026

DEBORA COSTA BELFORT

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
DE CASO NUMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE SÃO LUÍS-MA**

Monografia apresentada à coordenação do
Curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde

São Luís

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Costa Belfort, Debora.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
DE CASO NUMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE SÃO LUÍS-MA /
Debora Costa Belfort. - 2026.
62 f.

Orientador(a): Patrícia Ataíde.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Ufma, 2026.

1. Contação de Histórias. 2. Educação Infantil. 3.
Linguagem. 4. Imaginação. I. Ataíde, Patrícia. II.
Título.

DEBORA COSTA BELFORT

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
DE CASO NUMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE SÃO LUÍS-MA**

Monografia apresentada à coordenação do
Curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde

Aprovada em ____ de _____ de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Rosyane de Moraes Martins Dutra

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Thais Andrea Carvalho de Figueiredo Lopes

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e pela sua bondade e misericórdia que me sustenta todos os dias.

Agradeço à minha mãe que em meio a muitas batalhas sempre esteve ao meu lado e sempre acreditou em mim.

Agradeço às minhas amigas e confidentes da universidade, Carliene Barroso, Raysa Dias, Ruana Dorneles, Jaíne Rocha, Ludimila, Thainá Ferres, Caroline França, que me ajudaram a superar meus desafios e foram alívio para os dias difíceis.

Agradeço à minha amiga de infância Andressa Oliveira, que sempre esteve comigo em todas as fases da vida e mostrou o verdadeiro valor de uma amizade.

Agradeço à minha orientadora Patrícia Ataíde, sua paciência, cuidado e carinho foram essenciais para que eu pudesse entregar esta pesquisa da melhor forma possível.

Agradeço também às professoras do maternal I que abdicaram de seu tempo para contribuir com a minha pesquisa e por acreditarem em mim e na relevância da temática para o aprendizado das crianças.

E por fim, a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para eu chegar até este momento, aos professores do fundamental, do ensino médio e do ensino superior, aos colegas e amigos que acreditaram no meu potencial.

Dedico esse trabalho a Deus que com sua infinita graça e misericórdia me sustentou até aqui, e à minha mãe, Cleide Regina, que é meu exemplo de força e perseverança.

RESUMO

A contação de histórias é uma prática ancestral presente na sociedade há milênios, utilizada para a transmissão de saberes culturais construídos historicamente pela humanidade. No contexto da Educação Infantil, essa prática assume papel fundamental no desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, a presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, cujo objetivo é analisar como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil, com ênfase no estímulo da linguagem, da imaginação e da criatividade em uma escola privada localizada no município de São Luís–MA. A metodologia adotada possui abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados a observação em sala de aula e a aplicação de questionários às professoras do Maternal I. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de autores de referência da literatura infantil e infantojuvenil, como Nelly Coelho, Fanny Abramovich e Bruno Bettelheim, bem como em teóricos do desenvolvimento infantil, entre eles Lev Vygotsky e Jean Piaget, além das reflexões pedagógicas de Paulo Freire. Os resultados evidenciam que a contação de histórias, quando realizada de forma intencional e mediada, favorece significativamente o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação, da criatividade, das emoções e das interações sociais das crianças, além de contribuir para a construção de vínculos afetivos e para a aproximação com a leitura desde a primeira infância. Conclui-se que a contação de histórias constitui uma prática pedagógica essencial na Educação Infantil, devendo ser valorizada e ampliada no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Desenvolvimento infantil. Linguagem. Imaginação.

ABSTRACT

Storytelling is an ancestral practice that has been present in society for millennia, used for the transmission of cultural knowledge historically constructed by humanity. In the context of Early Childhood Education, this practice plays a fundamental role in children's overall development. In this regard, the present research is characterized as a case study, aiming to analyze how storytelling contributes to child development, with emphasis on the stimulation of language, imagination, and creativity, in a private school located in the city of São Luís, Maranhão, Brazil. The methodology adopted follows a qualitative approach, using classroom observation and questionnaires applied to teachers of a Nursery I group as data collection instruments. The study is theoretically grounded in contributions from key authors in children's and young adult literature, such as Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich, and Bruno Bettelheim, as well as theorists of child development, including Lev Vygotsky and Jean Piaget, and the pedagogical reflections of Paulo Freire. The results indicate that storytelling, when carried out intentionally and mediated by the teacher, significantly promotes the development of oral language, imagination, creativity, emotional expression, and social interaction among children, in addition to strengthening affective bonds and fostering early contact with reading. It is concluded that storytelling is an essential pedagogical practice in Early Childhood Education and should be valued and expanded within the school routine.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Child development. Language. Imagination.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UFMA- Universidade Federal do Maranhão

UEMA- Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Percurso metodológico.....	13
2	ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA.....	15
2.1	Um breve histórico da contação de histórias.....	15
2.2	Um breve histórico da criança e da infância.....	16
3	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA	23
3.1	Contribuições da contação de histórias.....	23
3.2	A importância da literatura infantil.....	26
4	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
4.1	A Educação Infantil: alguns aspectos do início da vida escolar	33
4.2	A contação de histórias na Educação Infantil.....	35
5	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO MATERNAL 1: ENTRE O DITO E O OBSERVADO.....	39
5.1	A contação de histórias na perspectiva das professoras no Maternal I.....	39
5.2	A prática de contar histórias a partir das observações da pesquisadora.....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	57
	APÊNDICE B – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	59

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática ancestral muito utilizada antes mesmo do domínio da escrita. Desde os primórdios, as narrativas foram fundamentais para a transmissão de saberes culturais, valores, crenças e conhecimentos de uma geração a outra, constituindo-se como uma importante forma de comunicação e aprendizagem humana. Essa prática assumiu diversas funções ao longo do tempo.

No contexto escolar, especialmente na educação infantil, a contação de histórias assume um papel pedagógico essencial. Essa prática contribui para o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação, da criatividade, da expressão emocional, além de estimular a socialização e da expressão de sentimentos. Conforme destaca Vygotsky (1998), a linguagem e as interações sociais são elementos centrais no processo de desenvolvimento infantil, sendo assim, a contação de histórias é uma importante mediadora dessas interações.

A escolha desta pesquisa possui caráter pessoal e profissional. As memórias da infância exercem papel fundamental nessa decisão, especialmente as lembranças do momento em que minha mãe reservava um período do dia para contar histórias bíblicas. Esse era um momento muito aguardado, marcado pela intencionalidade, uma vez que ela desejava transmitir valores relacionados à sua fé e também pelo afeto, fortalecendo os vínculos entre mãe e filha. Além disso, minha mãe cultivava o hábito da leitura, o que influenciou diretamente a construção do meu gosto pessoal pelos livros, hábito que permanece presente até os dias atuais. Então desde muito nova a contação de histórias esteve presente na minha infância e por meio dela pude adquirir conhecimentos que deixaram marcas na minha trajetória de vida.

No âmbito profissional, durante minha trajetória em estágios extracurriculares, tive a oportunidade de atuar como professora auxiliar em diferentes turmas, inicialmente no Ensino Fundamental. Há cerca de dois anos, iniciei minha atuação na Educação Infantil como educadora auxiliar em uma turma de Maternal. Durante esse período pude participar das rodas de contação de histórias e, às vezes, eu era encarregada dessa tarefa. Nesse contexto, pude perceber de forma mais evidente como a contação de histórias está diretamente relacionada ao desenvolvimento de

múltiplos aspectos da criança, tais como a linguagem, a imaginação, a criatividade, as emoções e as interações sociais.

A presente pesquisa possui relevante impacto social ao evidenciar a importância da contação de histórias como uma prática fundamental para o desenvolvimento integral das crianças da educação infantil, especialmente as crianças do maternal. Ao valorizar essa prática, o estudo contribui para a promoção de experiências educativas que favorecem o desenvolvimento emocional, social e linguístico das crianças, fortalecendo os vínculos afetivos e ampliando suas possibilidades de comunicação e de expressão, elementos indispensáveis para a construção de sua cidadania.

Ao articular os conhecimentos teóricos com as observações empíricas nas áreas relacionadas à educação, infância e docência, este estudo amplia discussões acerca do papel da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças. Dessa forma, a pesquisa contribui para a produção de conhecimento científico voltado às práticas pedagógicas na educação infantil.

Diante do exposto, esta pesquisa propõe-se a responder à seguinte questão: De que forma a contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil? Partindo da hipótese de que a contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil, principalmente no que tange à linguagem, à imaginação e à criatividade, adota-se como objetivo geral analisar como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil, com ênfase no estímulo da linguagem, da imaginação e da criatividade em uma escola privada localizada no município de São Luís-MA.

No desdobramento desse objetivo geral, tem-se como objetivos específicos conhecer alguns aspectos históricos da contação de histórias, da criança e da infância; refletir acerca da contação de histórias na infância, considerando suas contribuições e a importância da literatura infantil; identificar a importância da contação de histórias para a Educação infantil tendo como foco o Maternal I de uma escola da rede privada de São Luís-MA.

Este trabalho monográfico é organizado por seções. Nesta seção (primeira), temos a introdução do trabalho, com a apresentação do problema de pesquisa, da hipótese, dos objetivos e dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

Na segunda seção apresentamos aspectos históricos da contação de histórias, da criança e da infância. Na terceira seção discutimos sobre a contação de histórias na infância, com foco nas suas contribuições e na importância da literatura infantil. Na quarta seção discutimos a contação de histórias na Educação Infantil priorizando alguns aspectos da vida escolar nessa etapa. Na quinta seção situamos a contação de histórias no maternal I em uma escola da rede privada de São Luís - MA através das perspectivas das educadoras e das observações da pesquisadora. Por fim, as considerações finais tecem as reflexões da pesquisadora acerca do trabalho.

1.1 Percurso metodológico

A presente investigação será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando-se como procedimentos metodológicos a aplicação de questionário e pesquisa de campo. A combinação desses métodos justifica-se pela necessidade de articular conceitos estudados com a realidade do contexto educacional, permitindo uma compreensão mais ampla e aprofundada do objeto de estudo: a contação de histórias como estímulo para o desenvolvimento da linguagem e o estímulo à imaginação de crianças da Educação

Sobre a abordagem de pesquisa qualitativa, Tozoni-Reis (2009,p.15) afirma que a pesquisa qualitativa defende a ideia que para a produção de conhecimentos sobre fenômenos humanos e sociais é mais importante a compreensão e interpretação dos conteúdos do que descrevê-los. Portanto a escolha deste tipo pesquisa se mostra mais intrinsecamente aos objetivos deste trabalho que visa compreender a contação de histórias como ferramenta pedagógica eficaz para aprendizado das crianças em idade pré-escolar.

Para a primeira etapa desta pesquisa, o estudo bibliográfico é primordial para o embasamento teórico da investigação científica, segundo Gil (2019), consiste em um estudo sistematizado desenvolvido com base em material já publicado, principalmente livros e artigos científicos, e tem como finalidade oferecer fundamentação teórica consistente à investigação. Nesse sentido priorizadas produções acadêmicas que abordem temáticas como aquisição da linguagem na primeira infância, desenvolvimento da imaginação, práticas pedagógicas na Educação Infantil e a importância da contação de histórias como estratégia educativa.

A segunda etapa da pesquisa consiste na aplicação de um questionário às professoras do Maternal I, composto por quatorze questões, com o objetivo de analisar as percepções das docentes acerca da prática da contação de histórias na Educação Infantil. As respostas obtidas foram analisadas e comentadas à luz das percepções da pesquisadora, construídas durante o período de observação em campo.

A terceira e última etapa desta pesquisa consiste na apresentação das contribuições da pesquisadora acerca do que foi observado durante o estudo de caso. Nessa etapa, também será realizada a análise das respostas obtidas por meio do questionário, relacionando-as com a realidade observada no contexto da educação infantil. Na próxima seção apresentaremos alguns aspectos históricos da contação de histórias, da criança e da infância.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA

2.1 Um breve histórico da contação de histórias

A contação de histórias é uma prática milenar, o ser humano desde os tempos mais antigos, usava as narrativas orais para ensinar, instruir e perpetuar a sua cultura para as futuras gerações. Assim como afirma Miranda (2015) desde os tempos mais remotos, os povos utilizavam das narrativas orais como forma de transmitir valores, costumes, sabres e experiências. Essa capacidade que o homem tem de transmitir seu conhecimento para o outro, foi primordial para a sobrevivência da espécie.

No período paleolítico, o ser humano buscava maneiras de se comunicar através de pinturas rupestres gravadas nas paredes nas cavernas, era uma forma de expressar acontecimentos do cotidiano, como caçadas e rituais, além de transmitir conhecimentos às outras gerações.

Assim como as imagens rupestres narravam feitos e crenças por meio de símbolos, as histórias orais contadas para as novas gerações continuavam a transmitir saberes, valores e emoções, mostrando que a arte de comunicar através de narrativas passadas de geração em geração desde a infância é uma herança essencial da humanidade.

Com o surgimento da escrita, por volta de 3.000 a.C., parte das narrativas orais passou a ser registrada, dando origem aos primeiros textos literários da história, como a *Epopeia de Gilgamesh*. Ainda assim, a oralidade manteve sua importância como meio de comunicação e de transmissão de saberes. Em civilizações antigas, como a grega e a egípcia, a contação de histórias ocupava um papel fundamental na formação moral e social, sendo os *aedos*¹ e *rapsodos*² responsáveis por difundir mitos e tradições através da palavra falada. Sobre as narrativas das civilizações antigas Ferreira (2020) afirma:

Os poemas narrativos relatam os feitos de heróis, fatos históricos de indivíduos reais, históricos ou imaginados. Os conteúdos desses poemas criaram o que pode ser considerado como um texto épico. O texto épico vem de epos: a narrativa de fatos, herança de um povo. Corresponde,

¹ Contadores de histórias da Grécia que compunham e contavam os seus próprios poemas acompanhados de lira.

² Contadores de histórias da Grécia que recitavam obras já existentes, sem a ajuda de instrumentos.

em sua singularidade, ao ato de cantar ou narrar um acontecimento ou um fato heroico. O texto épico pode remontar ao período anterior à escrita. A oralidade marcaria um fluxo narrativo e ritmado. O epos deu origem à epopeia.

É notável que a contação de histórias acompanhou as transformações culturais e tecnológicas da humanidade, adaptando-se sem perder sua essência. Desde as pinturas rupestres da Pré-História até as epopeias da Antiguidade, o ser humano recorreu à narrativa para compreender o mundo e transmitir saberes.

Nas sociedades antigas, como as tribos africanas, indígenas e orientais, os contadores de histórias, muitas vezes anciãos, líderes espirituais ou guardiões da tradição tinham papel essencial. Através de mitos, lendas e cantos, eram responsáveis por transmitir ensinamentos morais, explicar fenômenos naturais e fortalecer o sentimento de pertencimento comunitário. Essa tradição oral acompanhava rituais, festas e cerimônias, estabelecendo vínculos sociais e de identidade de um povo.

Na Grécia Antiga, conforme destaca Ferreira (2020), a aprendizagem pela narrativa e pela representação era um elemento central da educação, demonstrando a força da oralidade na formação dos cidadãos. Durante a Idade Média, os contadores populares mantiveram viva essa tradição por meio de lendas e canções, que mais tarde inspirariam autores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm.

Na atualidade, a contação de histórias cumpre a mesma função que sempre desempenhou desde os primórdios da vida humana. Ela atua como grande aliada no estímulo à linguagem oral e escrita das crianças, promove o desenvolvimento do imaginário e amplia o repertório intelectual e linguístico do indivíduo.

2.2 Um breve histórico da criança e da infância

As palavras “criança” e “infância” parecem, na sociedade contemporânea, termos naturalmente associados, quase indissociáveis. Contudo, a história da humanidade mostra que essa relação é resultado de um longo processo cultural e não uma evidência universal ou atemporal. A própria origem das palavras revela isso.

O termo infância deriva do latim *infantia*, proveniente de *infans*, expressão que significa “aquele que não fala”. No contexto romano, essa denominação indicava o estágio inicial da vida marcado pela ausência de fala e, portanto, pela

dependência, fragilidade e imaturidade atribuídas ao sujeito (Ernout; Meillet, 2001; Houaiss, 2009). Já a palavra criança, originada do latim *creantia*, ligada ao verbo *creare* “criar”, “nutrir”, “fazer crescer” remete ao processo de cuidado e formação contínua de um indivíduo em desenvolvimento (Cunha, 2010).

Assim, mesmo no plano linguístico, é possível perceber que as noções de criança e infância foram construídas historicamente, carregadas de significados que mudaram conforme as sociedades foram transformando suas formas de educar, proteger e compreender os sujeitos mais jovens. No contexto atual, parece impossível pensar a ideia de *criança* sem associá-la imediatamente à infância. Essa conexão, porém, não foi sempre assim.

Em diferentes períodos da história, tanto a infância quanto a criança receberam sentidos diversos, moldados pelas práticas sociais, pelas relações familiares e pelas concepções de educação e de cuidado vigentes. Revisitar essa trajetória histórica permite compreender as variadas concepções da infância e da criança ao longo da história da humanidade.

Na Grécia antiga as crianças eram vistas de forma distinta conforme cada cidade-estado, elas ocupavam um papel fundamental na manutenção do *oikos*³ e da *polis* (Buxton, 2010). Na cidade de Atenas os primeiros anos de vida desses indivíduos aconteciam no convívio familiar e eram marcados por rituais destinados à proteção infantil, além disso, havia diferenças na educação de meninos e de meninas. No que tange à educação formal dos meninos, esta iniciava por volta dos sete anos, incluindo leitura, escrita, música e exercícios físicos, como descreve Aristóteles ao discutir a formação do cidadão (Aristóteles, 1991).

Já as meninas permaneciam no ambiente doméstico, aprendendo tarefas ligadas ao lar e sendo preparadas para funções associadas à vida familiar, como observa Candido (2010), ao destacar que a educação feminina na Grécia Antiga estava profundamente vinculada às expectativas sociais de submissão e cuidado.

Em Esparta, por sua vez, a infância assumia um caráter mais coletivo e militarizado cujo objetivo era moldar cidadãos disciplinados e aptos ao serviço

³ Palavra grega antiga que significa "casa", mas vai além da estrutura física, abrangendo tudo o que faz parte dela, portanto, é a unidade básica da sociedade grega, um conceito central para a economia e a vida social.

militar, conforme analisa Joly (2008) ao discutir a estrutura e os propósitos da *agoge*⁴. Assim, embora essencial para a organização social, a infância grega era marcada por fortes desigualdades de gênero e por modelos educativos contrastantes entre as cidades-estados, refletindo diferentes concepções de cidadania e de papel social.

Na Roma Antiga, a infância também se inseria no contexto familiar sob a autoridade do *pater familias*⁵, cuja força legal moldava profundamente a vida dos filhos (Dixon, 1992). Os primeiros anos eram cuidados principalmente pelas mulheres da casa ou por amas, embora a educação variasse conforme o status social, como explica Rawson ao analisar as diferenças entre famílias plebeias e aristocráticas (Rawson, 2003). Embora diferentes, as sociedades grega e romana concebiam a infância como uma preparação para a vida adulta e para o cumprimento de papéis familiares e civis.

De acordo com Ariès (1981), na Idade Média não existia propriamente um “sentimento de infância”, isto quer dizer que não havia uma percepção social de que a criança constituía um grupo distinto, com necessidades específicas e uma fase de vida separada da vida adulta. Após ultrapassar os primeiros anos, período marcado pela alta mortalidade infantil, a criança medieval era integrada ao universo adulto desde muito cedo, elas utilizavam vestimentas semelhantes aos adultos e participavam dos mesmos eventos sociais que eles. Segundo Phellipe Aries (1981) não existia a consciência da particularidade infantil que distinguisse a criança do adulto.

Por não haver esse sentimento de infância, as crianças medievais eram submetidas a jornadas de trabalho desde muito cedo, sendo incorporadas às atividades produtivas da família ou enviadas para outras casas como aprendizes, servos ou auxiliares. Essa inserção precoce no mundo do trabalho refletia não apenas a ausência de uma concepção diferenciada de infância, mas também a necessidade econômica das famílias, que dependiam da contribuição de todos os seus membros para sobreviver.

⁴ Rigoroso e obrigatório sistema de educação e treinamento militar e social para meninos espartanos.

⁵ Expressão latina que significa “pai de família”, referindo-se ao chefe masculino de uma família na Roma Antiga.

Shahar (1990), ao estudar a infância medieval, confirma que o trabalho infantil era amplamente aceito e socialmente esperado, pois a criança era vista como parte integrante da força de trabalho comunitária. Segundo a autora, “a criança medieval era valorizada, sobretudo por sua utilidade prática”, o que explica sua participação ativa em tarefas consideradas pesadas para os padrões atuais. Além disso, a alta mortalidade infantil reforçava a ideia de que a infância era uma fase frágil e incerta, o que contribuía para que a sociedade não investisse em uma proteção prolongada ou em um cuidado especializado. Assim, o trabalho precoce, a convivência constante com adultos e a ausência de distinções simbólicas entre as fases da vida caracterizam a experiência infantil na Idade Média.

Na Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, a concepção de infância passou por transformações profundas que alteraram a forma como a criança era percebida e tratada pela sociedade. Segundo Ariès (1981), é nesse período que surge o chamado “sentimento de infância”, entendido como a percepção de que a criança constitui um grupo distinto, que necessita de cuidados e atenção específicos. O autor afirma que, diferentemente da Idade Média, “a criança começou a ser cercada de cuidados e de uma vigilância mais estreita” (Ariès, 1981, p. 128), indicando uma mudança significativa na relação entre adultos e crianças.

A expansão da escolarização foi um dos fatores centrais nesse processo. A escola moderna, organizada de forma disciplinar e hierárquica, tornou-se o principal espaço de socialização infantil. Como destaca Heywood (2004.p 67), “a educação passou a ser vista como o caminho legítimo para moldar a criança e prepará-la para a vida adulta”, reforçando a ideia de que a infância deveria ser um período prolongado de formação moral, intelectual e comportamental. Essa institucionalização da infância contribuiu para separar definitivamente o universo infantil do mundo adulto.

A partir do século XIX, com o advento da Revolução Industrial inglesa, a infância passou por novas e profundas transformações. A nova perspectiva de crescimento das fábricas e a urbanização acelerada provocaram mudanças significativas na estrutura familiar e nas formas de socialização infantil. De acordo com Araujo (2016) a Revolução Industrial trouxe uma nova identidade para a infância e a criança, ela passa a ser reconhecida como filho/ aluno. Nesse contexto as desigualdades sociais se evidenciam. Enquanto a infância das crianças de

famílias ricas era repleta de brinquedos, jogos e proteção familiar e acesso às escolas, as crianças pobres enfrentavam uma realidade distinta.

Nessa perspectiva, Heywood (2004) observa que “a industrialização expôs a contradição entre a ideia de infância protegida e a realidade do trabalho infantil”, evidenciando que a construção da infância moderna não ocorreu de forma homogênea. Esse período também impulsionou movimentos sociais e legislações que buscavam limitar o trabalho infantil e ampliar o acesso à educação, marcando o início de políticas públicas voltadas especialmente para a proteção da criança.

No século XX, a infância passou a ser reconhecida internacionalmente como uma fase que exige cuidados, direitos e garantias específicas. A Declaração dos Direitos da Criança (1959) e, posteriormente, a Convenção dos Direitos da Criança (1989), consolidaram princípios fundamentais como proteção, educação, saúde e participação.

Sarmiento e Pinto (1997), na obra “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”, destacam que, embora haja esses novos documentos que visam assegurar direitos essenciais a todas as crianças, tais dispositivos legais não foram suficientes para transformar de maneira efetiva as condições de vida das crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social. Os autores afirmam:

Esta situação deve-se, entre outros fatos, a que a realidade social não se transforma por efeito simples da publicação de normas jurídicas; as desigualdades e a discriminação contra (e entre) as crianças assentam na estrutura social, pelo que a proclamação dos direitos, pese embora o seu interesse e alcance, constitui, no quadro da manutenção dos fatores sociais de desigualdade e discriminação, uma operação com acentuada carga retórica, de efeitos em grande medida ilusórios (Sarmiento e pinto 1997, p.4)

Para os autores, a simples formalização de direitos não garante, por si só, a superação das desigualdades sociais. Persistem barreiras estruturais, como a precariedade econômica, o acesso limitado a serviços públicos e a vulnerabilidade social, que impedem que esses direitos se concretizem plenamente no cotidiano das crianças mais pobres.

Paralelamente, o desenvolvimento das ciências humanas, especialmente a psicologia do desenvolvimento, contribui para uma compreensão mais complexa da infância. Nessa perceptiva, para Rousseau (2004) a criança não é um adulto em

miniatura, mas um sujeito em processo de construção, com formas próprias de pensar, sentir e agir. Essas mudanças de paradigmas influenciaram práticas pedagógicas, políticas educacionais e concepções familiares ao longo de todo o século.

Já no século XXI, a infância assume novas configurações diante das transformações tecnológicas, culturais e sociais. A presença massiva das mídias digitais, o acesso precoce à internet e a globalização das culturas infantis criaram experiências inéditas, marcadas pela hiperconectividade⁶ e pela circulação intensa de informações. Como afirma Sonia Livingstone (2014), as crianças contemporâneas “crescem em um ambiente mediado por telas”, no qual a interação digital se torna parte constitutiva da experiência infantil. Essa hiperconectividade inaugura uma infância caracterizada pela circulação constante de informações, pela produção ativa de conteúdos e pela inserção precoce em espaços públicos digitais, fenômeno que Buckingham (2007) descreve como a “cultura da mídia infantil globalizada”. À medida que essas crianças estão hiper conectadas, cada vez menos interagem com as outras pessoas, os brinquedos, os livros e a natureza, dessa forma, há grandes possibilidades de surgirem consequências negativas como o isolamento social, a obesidade e a queda no rendimento escolar.

Além das transformações tecnológicas, o século XXI também é marcado por debates sobre direitos, proteção e participação das crianças. A ampliação das discussões sobre privacidade digital, exposição nas redes sociais, cyberbullying e proteção de dados infantis evidencia que a infância contemporânea é atravessada por novas formas de vulnerabilidade, mas também, por outras formas de agencia e participação social. Manuel Castells (2009), ao analisar a sociedade em rede, destaca que os sujeitos, inclusive as crianças, tornam-se “nós ativos” em fluxos globais de comunicação, o que ajuda a compreender como a infância atual se constitui em meio a interações complexas entre tecnologia, cultura e poder.

Essas transformações também dialogam com a perspectiva sociológica da infância, especialmente com autores como Corsaro (2011), ao defender que as crianças são “atores sociais competentes”, capazes de produzir culturas próprias e reinterpretar o mundo adulto. No século XXI, essa competência se expande para o

⁶ Acesso quase permanente e constante à tecnologia (celulares, computadores, redes sociais etc).

ambiente digital, onde as crianças criam comunidades, linguagens e práticas culturais que atravessam fronteiras geográficas e simbólicas. Assim, a infância deixa de ser vista apenas como uma etapa preparatória para a vida adulta e passa a ser reconhecida como um espaço de participação ativa e de produção cultural.

Quando comparadas às concepções de infância da Antiguidade, da Idade Média e da Modernidade, as representações contemporâneas revelam um percurso histórico marcado por profundas mudanças. Assim, ao observar o percurso que vai da criança “pequeno adulto” da Antiguidade à criança hiperconectada da Contemporaneidade, torna-se evidente que as concepções de infância refletem as condições sociais, tecnológicas e culturais de cada época, reafirmando que a infância não é uma essência fixa, mas uma categoria histórica em permanente reconstrução.

Na próxima seção, apresentaremos a contação de histórias na infância, considerando as suas contribuições, além da importância da literatura infantil, enfatizando como esse gênero se consolidou e se popularizou no Brasil.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA

3.1 Contribuições da contação de histórias

A contação de histórias possui vários benefícios para as crianças entre eles estão a compreensão de diferentes culturas, construção de valores sócias, além de fortalecer vínculos afetivos. Essas contribuições demonstram que o ato de contar histórias continua sendo um instrumento essencial de aprendizado, socialização e preservação da memória coletiva da humanidade. Nessa perspectiva, Piaget (1978) destaca que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento simbólico são fundamentais para que a criança compreenda e represente o mundo ao seu redor, sendo a narrativa uma ferramenta que potencializa essas capacidades cognitivas e sociais.

Esse processo de aquisição de saberes e costumes do homem inicia-se na infância, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança a pessoa de até 12 anos de idade incompletos. É portanto nesse espaço de tempo que a criança adquire habilidades essenciais para o seu desenvolvimento como capacidade de falar, desenvolver habilidades cognitivas, psicomotoras, sensórias, dentre outras.

Nos primeiros anos de vida, a criança geralmente inicia o desenvolvimento da língua materna, que está relacionada ao ambiente em que nasceu e está inserida. Esse processo é complexo e envolve múltiplos fatores, incluindo aspectos biológicos, cognitivos, sociais e culturais. Como afirma Vygotsky (2000, p. 47), “o desenvolvimento da linguagem resulta de um processo sócio-histórico no qual a criança internaliza formas culturais de comunicação”. Assim, desde muito cedo, a linguagem não é apenas um produto individual, mas um fenômeno social que se constrói na interação com o meio no qual está inserido.

A interação com familiares e cuidadores, a exposição a diferentes contextos comunicativos e a prática cotidiana da fala contribuem para a aquisição progressiva de vocabulário e habilidades comunicativas. Segundo Bruner (1983, p. 18), “a criança aprende a linguagem em um sistema de apoio e interação, no qual o adulto fornece modelos comunicativos que estruturam a participação infantil”. Nesse

mesmo sentido, estudos contemporâneos reforçam que os primeiros anos constituem um período de alta plasticidade cerebral, sendo fortemente influenciados pela qualidade das trocas verbais. De acordo com Costa, Cavalcante e Aglio (2015, p. 62), “os primeiros anos de vida são marcados por intensa atividade neurobiológica, que torna esse período crítico para o desenvolvimento da linguagem”.

Nessa perspectiva, o contato da criança com livros e histórias contadas por familiares ou pessoas próximas, desde os primeiros anos de vida, constitui uma prática potencialmente importante no processo de desenvolvimento da oralidade e da linguagem infantil. Pesquisas indicam que a participação da criança em situações narrativas favorece sua capacidade de compreender significados e construir estruturas linguísticas cada vez mais complexas. Como afirmam Cremin, Flewitt e Mardell (2016, p. 22), “a contação de histórias expõe a criança a vocabulário rico, formas narrativas e interações que ampliam sua competência comunicativa”.

Além disso, o envolvimento em práticas de leitura compartilhada é apontado como um dos fatores mais robustos para o desenvolvimento da comunicação na primeira infância. De acordo com o Duke Center for Child & Family Policy (2021, p. 4), “crianças que são expostas a histórias desde cedo demonstram avanços significativos na aquisição de vocabulário, compreensão e habilidades de literacia”. A leitura e a contação de histórias criam, portanto, condições ideais para que a criança compreenda o funcionamento discursivo da língua e desenvolva formas de expressão mais elaboradas.

Por fim, é importante reforçar que esse processo é profundamente mediado pelo adulto. Como destaca Bruner (1997, p. 41), “o papel do adulto é fornecer andaimes culturais que permitam à criança participar de práticas linguísticas antes mesmo de dominá-las plenamente”. Dessa forma, a contação de histórias, o diálogo e a leitura compartilhada tornam-se práticas essenciais na construção das primeiras competências linguísticas e comunicativas.

Além do desenvolvimento linguístico e da oralidade, a literatura infantil constitui-se também como uma poderosa fonte de estímulo à imaginação e à criatividade, uma vez que o caráter lúdico presente nos contos possibilita à criança explorar diferentes mundos simbólicos, construir imagens mentais e projetar

possibilidades que ultrapassam a realidade imediata. Assim, ao entrar em contato com histórias, a criança é convidada a “dar asas” à sua imaginação, exercitando sua capacidade criadora e ampliando suas formas de compreender e significar o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, Bettelheim (1980) destaca de forma contundente a relevância das histórias na formação emocional, intelectual e imaginativa das crianças. Segundo o autor:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (Bettelheim, 1980, p. 12).

Portanto, ao contar histórias para as crianças, abre-se um amplo leque de possibilidades para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. As narrativas como contos de fadas, fábulas, poesias e outros gêneros literários transmitem valores, favorecem a construção de sentidos e ampliam o repertório cultural infantil. Além disso, fortalecem o jogo simbólico e o faz de conta, fundamentais para o processo de imaginação e criação.

Nessa perspectiva, Vygotsky enfatiza que a imaginação infantil se desenvolve a partir das experiências culturais mediadas pelo adulto, afirmando que “toda função psicológica superior aparece duas vezes: primeiro no plano social e, depois, no plano individual” (Vygotsky, 1991, p. 58). Dessa forma, a contação de histórias permite à criança internalizar novos significados, explorar o mundo do “faz de conta” e ampliar suas capacidades imaginativas e linguísticas, dentre outras.

Outro ponto relevante sobre a contação de histórias na infância é que, por meio das narrativas, as crianças iniciam a compreensão da moralidade humana. Ao ouvir histórias, especialmente fábulas e contos tradicionais, elas entram em contato com noções de bem e mal, justiça, cooperação, responsabilidade e consequências das ações. Nas fábulas, por exemplo, o desfecho geralmente apresenta uma lição de moral explícita, o que auxilia a criança a refletir sobre comportamentos, valores e atitudes. Sobre as fábulas Bagno afirma:

[...] Este caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, à sua ligação muito íntima com a sabedoria popular. De fato, a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral. Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: “moral da história”... Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática. (Bagno, 2006, p. 51-52)

Bettelheim (1980) destaca que as histórias infantis permitem que a criança reconheça conflitos internos, compreenda dilemas humanos e elabore emocionalmente conceitos morais, pois “os contos apresentam, de forma simbólica, soluções para problemas que a criança ainda não sabe nomear”. Assim, ao ouvir narrativas moralizantes, a criança amplia sua capacidade de julgamento e inicia sua formação ética, aprendendo, por meio da imaginação e do simbolismo, os princípios que estruturam a vida social.

Dessa forma, compreender a trajetória histórica da contação de histórias e sua presença contínua na vida humana permite reconhecer que essa prática desempenha um papel essencial tanto na transmissão cultural quanto no desenvolvimento linguístico, emocional e simbólico das crianças. Ao oferecer significados, valores e modos de compreender o mundo, as narrativas contribuem para a formação integral do sujeito desde os seus primeiros anos de vida.

Diante disso, a seção seguinte apresentará um breve relato sobre a criança e a infância, ampliando a compreensão desse período fundamental da vida humana e situando-o no contexto das práticas culturais e educativas que o constituem.

3.2 A importância da literatura infantil

A literatura infantil está intrinsecamente ligada às novas concepções de criança e de infância que emergiram a partir do século XVIII, período em que a criança deixou de ser percebida como um “miniadulto” e passou a ser reconhecida como sujeito com necessidades, interesses e modos próprios de existir no mundo. De acordo com Zilberman (2003), a literatura infantil surge com características singulares decorrentes da ascensão da família burguesa e do status atribuído à criança na sociedade. Sobre isso, destacam Silva et al. (2021)

[...] as primeiras histórias infantis surgiram na intenção de disciplinar e corrigir os atos das crianças, sem interesse de incentivar a imaginação,

despertar prazer e motivação. Tinham interesse apenas em torná-las obedientes e respeitar as normas e regimes da sociedade. (Silva; Santos; Fonseca; Silva; Costa, 2021. P. 5)

Nesse sentido a literatura infantil surgiu como uma forma de educar as crianças a partir da disciplina e da correção ensinando conceitos do bem e do mal, do certo e errado. Como explica Silva (2008) as histórias tinham uma estrutura maniqueísta, com o objetivo claro ensinar o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição. Portanto, os livros infantis tinham um caráter disciplinador.

Antes da literatura infantil se constituir como um gênero próprio, as crianças tinham acesso principalmente a narrativas destinadas ao público adulto. Durante séculos, elas ouviam histórias transmitidas oralmente que circulavam nas comunidades sem distinção etária. Como afirma Zilberman (2003), a literatura infantil surge tardiamente na história da cultura, pois durante muito tempo a criança não era considerada um público específico, mas apenas receptora ocasional das narrativas que circulavam entre os adultos.

As primeiras histórias infantis surgiram em 1697, quando o escritor francês Charles Perrault trouxe para o público, contos antigos: *Contos da Mãe Gansa*. Como explica Silva (2008), dentre esse compilado de contos havia histórias que são conhecidas mundialmente até os dias atuais como *Chapeuzinho Vermelho*, *Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, dentre outros. Bettelheim (2002) em seu livro intitulado “A psicanálise dos contos de fadas” reitera a importância desse gênero literário para o desenvolvimento infantil.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (Bettelheim 2002 p.12)

Para Bettelheim os contos de fadas são mais que histórias contadas despretensiosamente, segundo o autor, os contos de fadas ajudam as crianças a lidarem com os próprios problemas, a resolverem conflitos e ainda a atribuírem sentido à própria vida.

A origem dos contos de fadas é incerta, mas acredita-se que eles nasceram da tradição oral, transmitida de geração em geração e posteriormente registrados por escritores. Com o tempo, essas narrativas foram sendo modificadas para se adequar ao público infantil. Um exemplo emblemático é o conto *Chapeuzinho Vermelho*: na versão original, a menina e sua avó são devoradas pelo lobo, sem qualquer desfecho feliz. Já nas versões posteriores, voltadas para crianças, surge a figura do caçador que salva ambas, oferecendo um final otimista e moralizante. A figura 1 representa uma das primeiras ilustrações contidas nos livros dos irmãos Grimm.

Figura 1 - Chapeuzinho Vermelho



Fonte: PERRAULT, Charles (1867)

Segundo Garcia (2020), na narrativa de Perrault, Chapeuzinho Vermelho é punida com a morte por ter desobedecido às orientações da mãe e dado ouvidos ao lobo. O autor destaca que essa versão possuía um caráter moralizante e educativo, cujo objetivo era advertir as jovens sobre os perigos de homens mal-intencionados que se aproveitavam da ingenuidade feminina para explorá-las sexualmente. Assim, percebe-se que os contos de fadas, além de entreter, também refletiam valores sociais e funcionavam como instrumentos de controle e orientação do comportamento das pessoas.

Os contos de fadas, dessa vez, voltados para o público infanto-juvenil, vão sendo modificados, assumindo uma nova roupagem, com uma linguagem mais acessível para as crianças e também com alterações de algumas partes que não

eram consideradas adequadas ao público infantil. Elementos mais violentos, cruéis ou moralmente ambíguos foram suavizados, dando lugar a narrativas que buscavam transmitir valores, estimular a imaginação e atender às expectativas pedagógicas e sociais da época.

Em 1920 foi publicado no Brasil o primeiro livro considerado infanto-juvenil, intitulado *A Menina do Narizinho Arrebitado*, escrito por Monteiro Lobato, um dos autores mais célebres desse gênero literário. A obra marcou o início de uma tradição nacional voltada para crianças e jovens, trazendo personagens que se tornaram ícones da literatura brasileira, como Emília, Narizinho e Visconde de Sabugosa. Esses personagens, juntamente com outros, habitavam o universo mágico do *Sítio do Picapau Amarelo*, espaço que se consolidou como referência cultural e educativa, unindo fantasia, crítica social e valores formativos. A figura 2 mostra um exemplar das adaptações da personagem Emília.

Figura 2 - O sítio do pica pau amarelo



Fonte: Acervo Monteiro lobato

A personagem Emília, uma das mais icônicas da literatura infantil brasileira, surge como boneca de pano confeccionada por Tia Nastácia e ganha vida pela primeira vez em *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), quando recebe uma pílula mágica do Dr. Caramujo que lhe concede fala e personalidade própria. A irreverência

e o espírito questionador da boneca se consolidam em obras posteriores, como *Reinações de Narizinho* (1931), em que Emília assume papel central nas aventuras do *Sítio do Picapau Amarelo*, e em *A História de Emília* (1935), livro dedicado exclusivamente à personagem. Essas obras demonstram como Monteiro Lobato construiu um universo literário que, além de divertir, estimulava a imaginação e o senso crítico das crianças, tornando Emília símbolo da inventividade e da liberdade de expressão na literatura infanto-juvenil brasileira (Silva, 2024).

As obras de Monteiro Lobato obtiveram tanto sucesso nos anos 1960 que seus exemplares foram distribuídos nas escolas brasileiras com o intuito de estimular a leitura das crianças e adolescentes. De acordo com Luiz (2005, p.25) “Com a revisão da obra lobatiana e o boom da literatura infanto juvenil nos anos 60, a saga dos netos de D. Benta é exposta nos livros didáticos de Língua Portuguesa, que enfocavam o trabalho pautado nas categorias Leitura, Texto e Exercícios”.

Outro nome importante para a literatura brasileira é o Ilustrador Ziraldo Alves Pinto, o criador do icônico personagem *O Menino Maluquinho*. Desde sua publicação, em 1980, o livro ganhou notoriedade nacional tornando-se um marco na literatura brasileira retratando a infância de uma criança que usava uma panela na cabeça e fazia peripécias com seus amigos. Rocha (2020) destaca que a representação da infância em *O Menino Maluquinho* ultrapassa o simples entretenimento, oferecendo reflexões importantes para o contexto educativo, já que o personagem simboliza a criatividade, a irreverência e a liberdade próprias da criança. A figura 3 mostra esse emblemático personagem:

Figura 3 - O personagem Menino Maluquinho



Fonte: Instituto Ziraldo

Mauricio de Sousa, também é considerado um dos grandes nomes da literatura infantil brasileira. A sua obra Turma da Mônica alcançou milhares de crianças ao transformar o cotidiano infantil em narrativas lúdicas, autênticas e educativas para as crianças. Santos (2013) afirma que seus quadrinhos são publicados em diversos países, uma vez que a maioria dos personagens tem por características a universalidade e a atemporalidade. A figura 4 apresenta a capa de uma das coleções de gibis mais antigas relançada e publicada pela Panini comics em 2007.

Figura 4 - Gibi da turma da Mônica



Fonte: Sousa(2007,internet Archive)

Esses são alguns exemplos de grandes escritores brasileiros que se dedicaram a compor obras voltadas principalmente ao público infantil. No entanto, vale ressaltar que essas obras não são exclusivamente para crianças, mas alcançam com sua linguagem simples e lúdica, leitores de todas as idades.

Assim, a literatura infantil brasileira se mostra como um espaço de encontro entre gerações, capaz de unir aprendizado e sensibilidade artística em narrativas que permanecem vivas no imaginário coletivo. Esse universo literário não se limita apenas aos contos de fadas ou de aventuras: outros gêneros, como fábulas, lendas e poemas, também desempenham papel fundamental na Educação Infantil. As fábulas, protagonizadas por animais que simbolizam comportamentos humanos, são reconhecidas por seu caráter moralizante e educativo. Como ressaltam Vitor, Medeiros e Ferreira (2024), esse gênero contribui para a formação integral da criança, pois além de entreter, promove reflexões éticas e sociais.

Dessa forma, a literatura infantil desempenha um papel essencial no processo de desenvolvimento da criança. Além de proporcionar prazer ao ouvir e ler histórias, ela também oferece oportunidades para explorar valores sociais, culturais, ideias e sentimentos, ao mesmo tempo em que estimula o pensamento cognitivo e a imaginação.

Na sessão seguinte, serão analisados alguns aspectos da vida escolar na educação infantil, relacionando a prática da contação de histórias e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade infantil, evidenciando como essa atividade contribui para ampliar repertórios simbólicos, estimular a expressão artística e favorecer processos de aprendizagem significativos.

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 A Educação Infantil: alguns aspectos do início da vida escolar

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e representa um marco fundamental no processo de desenvolvimento humano. Reconhecida legalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996, essa etapa tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, considerando os aspectos físico, psicológico, intelectual, emocional e social (BRASIL, 1996).

Ao longo de sua trajetória histórica, a Educação Infantil passou de uma concepção predominantemente assistencialista para uma perspectiva pedagógica, na qual a criança é compreendida como sujeito de direitos e ativa na construção de conhecimentos. Essa compreensão é reforçada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece o brincar e as interações como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, assegurando experiências que favoreçam o pleno desenvolvimento infantil (BRASIL, 2017).

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a concepção de criança como sujeito histórico e de direitos, que aprende e se desenvolve por meio das interações e do brincar. O documento orienta que as práticas pedagógicas da Educação Infantil sejam organizadas a partir dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento — conviver, brincar, participar, explorar, expressar

e conhecer-se — assegurando experiências que promovam o desenvolvimento integral das crianças (BRASIL, 2017). Além disso, a BNCC propõe os campos de experiências como forma de organização curricular, valorizando as vivências do cotidiano infantil e articulando-as aos conhecimentos culturais, sociais e linguísticos.

Nesse contexto, o currículo da Educação Infantil, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), organiza-se a partir dos campos de experiências, os quais norteiam o planejamento das práticas pedagógicas e a organização dos tempos, espaços e materiais. Segundo a BNCC, “os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018, p. 42).

Portanto, a Educação Infantil brasileira, orientada por documentos legais e normativos, tem como objetivo assegurar que a criança de zero a cinco anos se desenvolva de forma integral, considerando os aspectos emocionais, sociais, cognitivos e biológicos. Nessa etapa da educação básica, a ludicidade e o brincar devem estar presentes em todo o fazer pedagógico, constituindo-se como elementos centrais das práticas educativas. Nesse contexto, a contação de histórias assume papel de destaque, uma vez que contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da criatividade das crianças.

Nessa perspectiva, Borella (2016) destaca que a escola de Educação Infantil deve ser compreendida como um espaço de ensino organizado e planejado, destinado a promover a aprendizagem e o desenvolvimento da criança desde a mais tenra idade. Para a autora, esse espaço contribui não apenas para a transmissão do conhecimento socialmente construído ao longo da história da humanidade, mas também para o desenvolvimento humano em sua totalidade (Borella, 2016).

A relevância da Educação Infantil para o desenvolvimento integral das crianças exige, portanto, a organização de ambientes adequados, seguros e estimulantes, respeitando as especificidades de cada faixa etária. Nesse sentido, as Diretrizes Operacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil ressaltam a importância de espaços arejados e iluminados, com aproveitamento da ventilação e iluminação naturais, além de ambientes limpos, seguros e saudáveis. O

documento também destaca a necessidade de espaços suficientes para a circulação tranquila e segura de bebês, crianças e adultos, bem como a presença de áreas externas que favoreçam a convivência e o contato com elementos da natureza (BRASIL, 2024).

As práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil precisam ser intencionais e fundamentadas teoricamente, superando ações meramente assistencialistas ou recreativas. Segundo Oliveira (2010), a qualidade das experiências vivenciadas na infância exerce influência direta sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, refletindo em sua trajetória escolar futura.

Além disso, a organização de uma rotina bem estruturada é fundamental para o bom desenvolvimento das atividades pedagógicas, pois favorece a segurança, a autonomia e a aprendizagem das crianças. Contudo, conforme afirmam Bilória e Metzner (2013), essa rotina não deve ser compreendida de forma mecânica ou rígida, mas organizada de modo flexível, respeitando os tempos, os espaços e as necessidades infantis.

Portanto, assim como as demais atividades desenvolvidas na sala de referência ou nos diferentes ambientes da escola, o momento de leitura e de contação de histórias deve estar inserido de forma sistemática na rotina das crianças, constituindo-se como parte indissociável do processo de aprender na Educação Infantil, conforme será apresentado no próximo item.

4.2 A contação de histórias na Educação Infantil

A contação de histórias desempenha papel essencial no estímulo à expressão oral e à criatividade verbal das crianças. Ao ouvir narrativas, elas não apenas ampliam seu repertório vocabular e assimilam novas estruturas linguísticas, como também são incentivadas a recontar, dramatizar e criar versões próprias das histórias. Esse exercício fortalece a oralidade, amplia a capacidade de argumentação e contribui para o desenvolvimento da habilidade de construir discursos próprios, favorecendo a expressão de ideias, sentimentos e experiências.

Outra contribuição relevante da contação de histórias para o desenvolvimento da linguagem infantil é a possibilidade de ampliação do vocabulário. Ao ouvir

narrativas, a criança aprende novas palavras, estabelece relações entre elas e as ilustrações presentes nos livros, e passa a utilizá-las em diferentes contextos comunicativos. Esse processo, que acontece desde os primeiros meses de vida da criança, favorece não apenas a compreensão, mas também a expressão oral, uma vez que o contato com imagens e sons estimula a associação entre significados e amplia as formas de uso da linguagem.

Além disso, ao ouvir histórias a criança amplia o seu repertório vocabular e é capaz de fazer associações considerando o contexto. Um exemplo disso pode ser observado na estrofe de *Cinderela*, de Charles Perrault:

Quando ela estava pronta, subiu na carruagem, mas sua madrinha lhe recomendou, acima de tudo, não passar da meia-noite. Advertiu-a que se ela permanecesse no baile um instante a mais, sua carruagem voltaria a ser uma abóbora, cavalos seriam novamente camundongos, os lacaios, lagartos e suas vestes voltariam a ter a aparência original. Ela prometeu que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite. Ela parte, não cabendo em si de alegria. (Perrault, 2021, p. 15).

A *Cinderela* ou *Cendrillon* ou *La Petite Pantoufle de Verre* é um dos livros mais populares da coleção de contos de Charles Perrault, o escritor francês responsável por adotar os contos populares que antigamente eram contados por transmissão oral e atravessaram gerações, além de terem passados por variadas releituras (Batalha et al 2021). Por tratar de épocas antigas, muitas palavras podem ser desconhecidas para as crianças, como a palavra “carruagem”. Nesse caso, o contador de histórias desempenha papel essencial ao apontar a ilustração correspondente, permitindo que a criança compreenda o significado e passe a utilizar o termo em novos contextos.

A interação das crianças com diferentes gêneros textuais e práticas de leitura está contemplada no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, conforme proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). De acordo com o documento, as crianças devem participar de situações de escuta de textos pertencentes a diversos gêneros, como poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos e anúncios, ampliando gradativamente seu contato com a cultura escrita (BRASIL, 2017). Nesse sentido, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento preveem que as crianças possam manipular textos, participar de momentos de escuta e selecionar livros de gêneros conhecidos, tanto para a leitura realizada pelo

adulto quanto para a leitura autônoma, considerando seu repertório prévio e as pistas oferecidas pelas ilustrações (BRASIL, 2017).

As experiências proporcionadas pelo contato das crianças com os livros e com a contação de histórias na Educação Infantil contribuem não apenas para o desenvolvimento da linguagem, mas também para o fortalecimento da imaginação e da criatividade infantil. Nesse sentido, a imaginação constitui um elemento central no processo de criação e aprendizagem da criança, sendo estimulada a partir das vivências culturais e das interações sociais mediadas pelo adulto.

De acordo com Vygotsky, a imaginação é a base de toda atividade criadora humana e manifesta-se nos diferentes campos da vida cultural. Conforme afirma o autor:

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia” (Vygotsky, 2018, p. 15).

Sob essa perspectiva, a imaginação e a criatividade constituem elementos inter-relacionados que precisam ser estimulados desde os primeiros anos de vida. De acordo com Vygotsky (2018), a imaginação não surge de forma espontânea, mas é construída a partir do acúmulo de experiências vivenciadas pela criança ao longo de seu desenvolvimento. Nesse sentido, o autor destaca que “quanto mais rica a experiência, mais rica também é a imaginação” (Vygotsky, 2018, p. 24).

Nesse contexto, a literatura infantil assume papel fundamental, uma vez que contribui para a ampliação da capacidade imaginativa e para o fortalecimento do processo criativo. Ao entrar em contato com histórias, personagens e narrativas diversas, a criança amplia sua capacidade imaginativa, constrói significados e desenvolve a criatividade, elementos essenciais para a construção de novos saberes culturais humanos. Dessa forma, de acordo com o autor:

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (Vygotsky, 2018, p.22)

Portanto a contação de histórias contribui para o estímulo da linguagem e também a imaginação e a criatividade infantil de maneira significativa, pois ao ouvir as histórias, as crianças ampliam seu vocabulário linguístico, aprendem as formas de usar as palavras no contexto usual, além de ser uma grande aliada no estímulo à criatividade e à imaginação infantil.

Nesse processo, a educadora, enquanto mediadora e contadora de histórias, deve integrar a contação à sua prática pedagógica cotidiana, selecionando livros adequados à faixa etária e aos interesses das crianças. Nelly Novaes Coelho (2000), em sua obra *Literatura infantil: teoria, análise e didática*, destaca que os livros para crianças pequenas devem ser escolhidos de acordo com as vivências do cotidiano infantil e devem conter majoritariamente a presença de imagens claras e expressivas e textos curtos.

Para Borella (2016), a contação de histórias pode ser realizada de duas maneiras: com ou sem o auxílio do livro. A prática sem o uso do livro caracteriza-se como a forma mais rudimentar da contação, originada da tradição oral, que antecede historicamente a leitura e a escrita. Nessa modalidade, o contador de histórias utiliza predominantemente a memória, a oralidade e a expressividade para transmitir a narrativa. Por outro lado, na contação de histórias com o auxílio do livro, o contador parte do texto escrito como referência, utilizando a leitura para realizar a narração, o que possibilita maior aproximação da criança com o objeto livro, com a linguagem escrita e com as imagens que compõem a obra literária (Coelho, 2000).

Nesse sentido, existem diversas maneiras de contar histórias na Educação Infantil. Contudo, como toda prática pedagógica, a contação de histórias deve ser realizada de forma intencional, lúdica e integrada ao cotidiano das crianças. Assim, o lugar da contação de histórias na Educação Infantil deve ser o de uma prática pedagógica central, planejada e permanente, articulada ao currículo da instituição de ensino, e não restrita a momentos esporádicos ou meramente recreativos.

Diante das discussões teóricas apresentadas acerca do lugar da contação de histórias na Educação Infantil, a próxima seção dedica-se à análise da prática dessa atividade no contexto do Maternal I de uma escola privada do município de São Luís. A intenção é analisar os discursos das educadoras, obtidos por meio de questionários, com as observações realizadas durante o período da pesquisa.

Busca-se, assim, compreender como a contação de histórias é concebida pelas educadoras e de que maneira essa prática se materializa no cotidiano escolar, permitindo refletir sobre aproximações e distanciamentos entre o que é declarado e o que é efetivamente vivenciado pelas crianças.

5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO MATERNAL 1: ENTRE O DITO E O OBSERVADO

A contação de histórias é uma prática muito utilizada na educação infantil, sendo assim, esta pesquisa visa analisar de que forma essa prática é vivenciada por duas professoras do maternal I de uma escola da rede privada de São Luís-MA. Como instrumento de análise de dados foi utilizado um questionário contendo catorze questões semiestruturadas e a observação participante.

Com base na análise do perfil das professoras do maternal I, foi possível constatar que ambas são recém-formadas no curso de Pedagogia, a professora do turno matutino é formada pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA e a do turno vespertino pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, as duas concluíram a formação no ano de 2024. Ambas estão no primeiro ano como professoras regentes de turma, entretanto, as duas atuavam como estagiárias nesta mesma instituição anteriormente, sendo efetivadas em 2025.

As educadoras serão identificadas por nomes fictícios com o objetivo de preservar a sua identidade, sendo assim, a sala de referência da educadora Marcia é composta por dezoito alunos, enquanto a sala referência da professora Sandra

conta com doze alunos. As professoras realizam o planejamento pedagógico de forma conjunta, sendo assim, as atividades realizadas nos dois turnos são as mesmas, porém há flexibilidade de horários conforme as especificidades e necessidades de cada turma.

Nesse contexto, as informações foram organizadas em duas subseções. A primeira subseção consiste na análise dos dados do questionário sobre as perspectivas das professoras do maternal I, considerando as concepções acerca da contação de histórias e suas contribuições para o estímulo da linguagem, imaginação e criatividade das crianças. A segunda subseção dedica-se à análise a partir da visão da pesquisadora sobre aquilo que foi respondido no questionário e o que foi observado em sala e o os pressupostos teóricos.

5.1 A contação de histórias na perspectiva das professoras do Maternal I

Ao responder os questionários, as professoras do maternal I trouxeram grandes contribuições acerca da contação de histórias no tocante ao estímulo e desenvolvimento da linguagem, imaginação e criatividade, além de aspectos sociais e afetivos envolvidos nesse processo.

Quando perguntado às educadoras o que elas entendiam sobre a contação de história, Marcia respondeu:

Para mim, contação de histórias vai muito além de apenas "ler um livro". Entendo como um ato mágico e intencional de compartilhar narrativas que transportam as crianças para outros mundos. É a arte de usar a voz, o corpo, as expressões e os recursos visuais (como o próprio livro, fantoches ou objetos) para dar vida aos personagens e aos enredos, transformando a palavra escrita em uma experiência sensorial e emocional. É a principal porta de entrada para o mundo da leitura e da escrita. (Márcia, 2025)

Nesse trecho, a docente demonstra um olhar reflexivo e intencional sobre a contação de histórias, ela acredita que não pode ser feita de qualquer forma, mas com intencionalidade, ludicidade e estratégias para proporcionar às crianças experiências múltiplas que contribuem para o desenvolvimento da imaginação e criatividade, além de propiciar a imersão na cultura escrita.

Na mesma direção a professora Sandra afirmou que "Contar histórias vai além de somente ler. Contar histórias é interpretar, é encenar, é criar espaço para que as crianças imaginem além de somente ouvir" (Sandra, 2025). Com base nas respostas das docentes é possível perceber que as professoras compreendem a importância

da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças e que é uma prática constante em sala. Acerca da presença da contação no planejamento, Marcia respondeu da seguinte maneira:

Com certeza! A contação de histórias não é um "tapa-buraco", ela está formalmente incluída no planejamento semanal. É um momento fixo na nossa rotina, pois é um eixo de trabalho que se conecta com as habilidades de linguagem, escuta, imaginação e convivência (Márcia, 2025).

De acordo com fala de Márcia, a contação de histórias faz parte da rotina das crianças como está em seu planejamento pedagógico. Sandra afirma ainda que há pelo menos duas aulas com histórias em seu planejamento e ainda tem as histórias que são contadas de forma espontânea de acordo com o interesse das educadoras ou das crianças (Sandra, 2025)

Quando perguntadas sobre onde a contação de história acontece, quem escolhe os livros, qual o critério para a escola dos livros e quais são os livros que despertam mais interesse nas crianças, as educadoras responderam que a escola tem uma mini biblioteca em sala, que são estantes contendo livros de fácil alcance para as crianças, além disso, a escola possui uma biblioteca ampla na qual as crianças ouvem histórias e manipulam os livros (Márcia, 2025; Sandra, 2025). As figuras 4 e 5 mostram os espaços destinados aos livros na sala referência e na biblioteca, respectivamente. São nesses espaços onde, majoritariamente, a contação de histórias acontece.

Figura 4 – Estante de livros em sala



Fonte: Pesquisadora (2026)

Figura 5 - Espaço da biblioteca



Fonte: Pesquisadora (2026)

Por se tratar de uma escola bilingue os livros disponíveis nas bibliotecas e salas referência estão em duas línguas, inglês e português. Em uma das questões respondidas por elas, foi perguntado sobre quem seleciona os livros e as quais eram os que despertavam mais interesse por parte das crianças. A educadora Márcia respondeu:

A escolha é feita por mim e pela outra professora que planeja linguagem, consideramos:

Intencionalidade Pedagógica: Se estamos trabalhando um tema (como a natureza, por exemplo), buscamos livros que se conectem com ele.

Interesses do Grupo: Se as crianças estão obcecadas por dinossauros ou bichos, vamos buscar livros sobre isso.

Diversidade: Tentamos trazer histórias com diferentes tipos de família, culturas e abordagens (poesia, contos de fada, histórias do cotidiano).

Os livros que mais despertam interesse são aqueles com repetição de frases ou sons (que elas podem memorizar e repetir); personagens engraçados ou um pouco desobedientes; e livros com ilustrações bem coloridas e expressivas que falam por si só. (Márcia 2025)

Através da resposta da professora Marcia, é possível analisar que muitos aspectos são levados em consideração no que diz respeito à seleção dos livros. Em resposta, a educadora Sandra demonstra que os livros são pensados e selecionados de forma intencional. Conforme explica:

Os livros são escolhidos de acordo com a faixa etária das crianças e de acordo com os conteúdos que são abordados nas histórias. Os livros que

despertam maior interesse são aqueles que possuem alguma aventura ou descoberta, fazendo com que os alunos fiquem atentos para saber o que acontecerá. (Sandra, 2025)

Ambas as profissionais relataram possuir autonomia na seleção dos livros utilizados em sala de aula, prática que se mostra relevante por evidenciar a autenticidade e a intencionalidade pedagógica do trabalho docente. A escolha dos materiais considera linguagens acessíveis e compatíveis com a faixa etária das crianças, priorizando livros que apresentem perguntas, imagens, texturas, diferentes tamanhos e que sejam confeccionados com variados tipos de materiais.

Ao analisar o portfólio, apresentado no período de observação, a história selecionada pelas educadoras seria do Pinóquio, a professora iria contar a história utilizando variadas entonações de voz para diferenciar os personagens, após a contação de histórias as crianças seriam estimuladas a pensar sobre a história e fazer questionamentos como: Quem é o personagem principal da história? Como é o Pinóquio? Ele é um menino de verdade? O que acontece com o nariz do Pinóquio quando ele mente? Quem fez o Pinóquio?

Essas perguntas são fundamentais para instigar a imaginação e a capacidade de compreensão das crianças, por meio delas é possível perceber a maneira como as crianças se relacionaram com a leitura. A partir das respostas apresentadas torna-se possível identificar se a criança apreciou a leitura ou não, quais personagens despertaram sentimentos como medo ou admiração, e quais foram percebidos como positivos ou negativos. Além disso, esse processo favorece a compreensão das relações de causa e efeito presentes nas narrativas, como no exemplo do personagem Pinóquio, na qual sua mentira causou o crescimento do seu nariz. Dessa forma, é possível perceber que as histórias contadas contribuem para o desenvolvimento do pensamento lógico, da linguagem e da imaginação infantil.

No que diz respeito às estratégias utilizadas pelas docentes para o momento da contação das histórias na escola a educadora Márcia respondeu:

Na Variação de Voz e Expressões: Uso diferentes tons de voz para cada personagem (mais grave, mais agudo, sussurros), e capricho nas expressões faciais e nos gestos para manter a atenção e transmitir as emoções da história.

Recursos Visuais e Tácteis: Adoro o "Varal de Histórias"! Se o livro falar de cheiros ou texturas, trago o objeto real (uma flor, um algodão, etc.).
Participação das Crianças: Peço para repetirem refrões ("Se a história tem lobo, o que ele faz? AUUUU!"), para me ajudarem a virar a página, ou para fazerem a voz de algum personagem simples. Isso os mantêm engajados.
Roda de Conversa Pós-História: Sempre abro um espaço para perguntas, para que compartilhem o que mais gostaram e façam conexões com as suas vidas. (Márcia, 2025)

A fala da educadora Márcia evidencia que a contação de histórias é compreendida como uma prática intencional e planejada, indo além da simples leitura de um livro. As estratégias mencionadas demonstram o comprometimento da docente em tornar o momento da narrativa significativo e envolvente. Além disso, a roda de conversa após o final da história revela a valorização do diálogo e da escuta das crianças, possibilitando um espaço acolhedor e propício ao aprendizado no maternal. Sobre esta pergunta a professora Sandra acrescenta o uso de recursos como dedoches e fantoches como estratégias para atrair a atenção das crianças:

Quando disponíveis, utilizo recursos como dedoches e fantoches. Quando não há, costumo imprimir imagens dos personagens e colar em palitos de picolé ou coloco as imagens como crachás e incentivo às crianças a interpretarem os personagens da história. (Sandra, 2025)

Conforme o relato da educadora Sandra, o livro é apenas um das diversas maneiras de contar histórias, elas podem ser contadas apenas com de forma oral, maneira mais ancestral de contar histórias, mas a estratégia mais utilizada na educação infantil é por meio da utilização de recursos pedagógicos como dedoches, fantoches e imagens para melhor compreensão das crianças, visto que na primeira infância, as crianças ainda estão no processo de construção simbólica. Essa prática está em consonância com o campo de experiência "Escuta, fala, pensamento e imaginação", proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que prevê como objetivos garantir às crianças oportunidades de ampliar a linguagem oral, expressar sentimentos, recriar histórias e desenvolver a imaginação por meio de diferentes formas de linguagem.

Nas perguntas seguintes foi tratado mais especificamente sobre as perspectivas das educadoras sobre o papel da contação de histórias para o desenvolvimento da linguagem, imaginação e criatividade infantil. Afinal contar histórias para as crianças contribui ou não para seu desenvolvimento? Se sim, de que forma? Como as professoras conseguem perceber esse desenvolvimento em

sala? As respostas das educadoras para essas questões estão contidas nos parágrafos a seguir.

Acerca do estímulo à linguagem a professora Marcia relatou:

Sim, de forma intensa, principalmente a linguagem oral. As histórias trazem palavras novas e contextos diferentes que dificilmente surgiriam na conversa do dia a dia. A criança, ao recontar ou comentar a história, começa a utilizar estruturas de frases mais complexas (sujeito, verbo, complemento) que ouviu na narrativa. Ela precisa ouvir com atenção para compreender a sequência, o que é crucial para desenvolver a comunicação eficaz. (Márcia, 2025)

A partir deste ponto de vista, as histórias infantis auxiliam a criança a compreender as estruturas linguísticas complexas, ela enfatiza nesse trecho as contribuições à linguagem oral, pois os livros infantis, quando bem selecionados, contêm histórias com orações completas com sujeito, verbo e complemento contidas numa sequência de acontecimentos com início, meio e fim. Essa concepção também está contida na resposta da educadora Sandra ao afirmar que através das histórias as crianças conseguem aumentar o vocabulário, compreendendo a continuidade das ações e reproduzindo as falas.

Essa capacidade da criança em reproduzir ou imitar as ações, gestos e palavras dos personagens é um marco no desenvolvimento do pensamento infantil que está relacionada com o processo de aquisição da linguagem. Segundo Piaget (1975), a imitação é uma das bases para a construção da função simbólica, pois permite à criança representar mentalmente situações vividas e internalizar modelos observados, favorecendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

Esse aspecto do pensamento infantil foi aprofundado em outra questão na qual as educadoras relatam sobre as suas concepções acerca da contribuição das contação de histórias para o estímulo da imaginação e criatividade infantil. Nas respostas as educadoras foram enfáticas ao afirmarem que a contação de histórias impulsiona a imaginação e a criatividade das crianças:

Totalmente! É um combustível para a imaginação. Quando conto uma história, a criança precisa “desenhar” na mente dela o que está sendo narrado. Se eu digo “um dragão verde e gigante”, cada um cria o seu próprio dragão, com seus detalhes. Após a contação, é muito comum as crianças encenarem a história, mudarem o final, criarem novos diálogos ou incorporarem os personagens em suas brincadeiras. Esse faz de conta é a pura criatividade em ação. (Márcia, 2025)

Sim, a imaginação e a criatividade são os principais estimulados durante esse processo, é a partir das histórias que as crianças conseguem idealizar um cenário, personagens e a forma que eles agem durante o desenvolver da história, sendo muitas vezes reproduzidos por eles em brincadeiras pelo parque. (Sandra, 2025)

Os relatos das educadoras evidenciam que a contação de histórias exerce um papel fundamental no estímulo à imaginação e criatividade infantil. Esses relatos evidenciam que a contação de histórias exerce um papel fundamental no estímulo à imaginação e à criatividade infantil. De acordo com a educadora Márcia, esse momento funciona como um “combustível” para o imaginário infantil, pois as crianças, através das histórias, constroem mentalmente cenários, personagens e esse momento funciona como um verdadeiro “combustível” para a imaginação, uma vez que a criança, ao ouvir a narrativa, constrói mentalmente cenários, personagens e situações, atribuindo-lhes características próprias. De modo semelhante, a educadora Sandra ressalta que, por meio das histórias, as crianças conseguem idealizar cenários, compreender a atuação dos personagens e reproduzir essas experiências em suas brincadeiras, inclusive nos espaços externos, como o parque.

Dessa forma, a contação de histórias revela-se uma prática pedagógica potente, pois possibilita o contato com universos imaginários repletos de encanto e faz de conta, nos quais surgem aventuras, heróis, vilões, mundos fantásticos, animais falantes e seres inanimados que ganham vida, favorecendo o desenvolvimento da criatividade e da imaginação na infância.

Com base nas respostas obtidas, percebe-se que as educadoras utilizam a contação de histórias em sua rotina escolar. No entanto, contar histórias configura-se como uma habilidade que necessita de conhecimento e preparo. Desse modo, é importante a formação continuada dessas educadoras no tocante à contação de histórias. Quando perguntadas se já possuem algum tipo de formação ou curso de aperfeiçoamento a educadora Márcia disse que houve formação nas disciplinas curriculares da universidade e também realizou um curso rápido de técnicas de voz e expressão corporal. Ela respondeu que a escola promove pelo menos uma vez ao ano formação voltada a contação de histórias. (Márcia, 2025)

Sobre essas perguntas, é interessante notar que as duas educadoras, apesar de trabalharem na mesma instituição, têm respostas divergentes acerca dessa questão. A educadora Sandra foi enfática ao dizer que não recebeu nenhum tipo de formação da escola sobre a temática, ela também disse que não fez nenhum curso

ou formação na área, porém acredita que não tem dificuldades para contar histórias às crianças. (Sandra, 2025)

Marcia por outro lado, alega que às vezes sente dificuldade de atrair atenção da turma, de acordo com suas palavras:

Nesses 10 meses, a maior dificuldade tem sido manter a concentração de todo o grupo o tempo inteiro. Às vezes, o livro é muito bom, mas um ou outro colega se distrai e acaba dispersando os demais. Tenho tentado resolver isso mudando o formato da roda, o horário da contação, e usando mais recursos visuais. Outra dificuldade, em termos práticos, é ter tempo para preparar e ensaiar algumas contações mais elaboradas, o dia a dia é muito corrido. (Márcia, 2025)

As respostas às questões foram significativas para a compreensão das contribuições da contação de histórias na educação infantil, especialmente no desenvolvimento de crianças na faixa etária de dois a três anos. A partir das informações obtidas, foi possível compreender as concepções das educadoras acerca da contação de histórias, identificar os espaços e a frequência com que essa prática é realizada, bem como analisar de que maneira ela favorece a aprendizagem e a apropriação dos signos linguísticos pelas crianças. Além disso, o questionário possibilitou reconhecer as dificuldades e os anseios das educadoras, assim como compreender como os livros e os recursos utilizados durante a contação de histórias contribuem para instigar a imaginação e a criatividade infantil.

Na sessão seguinte, serão abordadas as concepções da pesquisadora acerca das respostas ao questionário e o que foi analisado no período de observação nas salas das educadoras da educação infantil.

5.2 A contação de histórias a partir das observações da pesquisadora

Nesta seção, apresenta-se a análise da prática da contação de histórias a partir das observações realizadas pela pesquisadora em sala de referência, durante o período de acompanhamento das turmas do Maternal I. As observações permitiram compreender como as estratégias adotadas pelas educadoras se materializam no cotidiano escolar, bem como as interações estabelecidas entre crianças, docentes e as histórias contadas. A partir desse olhar, buscou-se analisar de que maneira a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da criatividade das crianças, considerando tanto as ações pedagógicas quanto as respostas e participações infantis no contexto observado.

No período de observação, pude comprovar que a contação de histórias é uma prática naturalizada no cotidiano das turmas, sendo reconhecida pelas crianças, que identificam o momento em que acontecerá através de uma música de anúncio. A música inicia-se da seguinte maneira: “E agora amiguinhos a história eu vou contar, uma história divertida, sei que todos vão gostar! Trê, lê, tra lá...” (trecho retirado do planejamento das professoras). Então as crianças assim que ouvem a canção se direcionam em círculo no chão, próximo à estante de livros na sala referência.

Esse momento acontece na maioria das vezes em uma hora específica do dia, no intervalo de tempo entre o lanche e o parque, tempo correspondente a trinta a quarenta minutos diários. Com base no que foi observado em sala, as crianças demonstram interesse e empolgação ao ouvir as histórias e manipular os livros.

No maternal, a contação de histórias acontece de diferentes maneiras. Em alguns momentos, as educadoras utilizam entonações de voz e expressões corporais para narrar os enredos, em outros momentos são utilizados além dos livros, recursos disponibilizados pela escola ou às vezes confeccionados por elas, como deboche, fantoche, flash cards, dentre outros. Nesse momento, pude perceber que as crianças ficavam mais envolvidas e atentas quando a professora usava além do livro, outros recursos visuais que auxiliavam no processo da contação de histórias. A utilização de recursos visuais, táteis tornam a contação de história mais envolvente e atrativa para as crianças, nesse sentido. Essa prática dialoga com Abramovich (1997), ao afirmar que contar histórias exige envolvimento, emoção e expressividade, pois é essa entrega que desperta o interesse e a imaginação da criança.

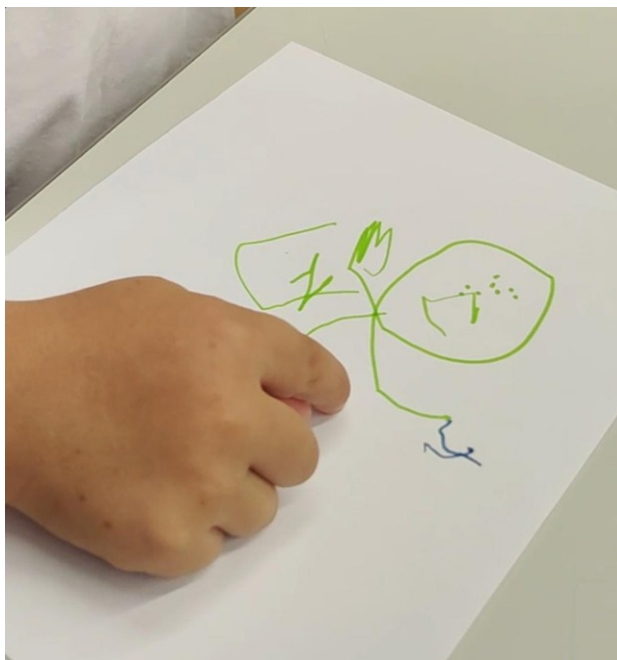
Durante momento da contação de histórias é possível perceber por meio das expressões faciais das crianças, o envolvimento emocional com as narrativas. Em histórias que apresentam personagens assustadores com o lobo mau, ou uma criatura com dentes afiados, garras enormes, as crianças demonstram tensão e medo, quando as narrativas culminavam para um final feliz as crianças reagiam com sorrisos, danças e manifestações de empolgação. Esses comportamentos diante do que ouvem e veem através das histórias contadas, mobiliza emoções e contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Esses comportamentos

confirmam o que afirma Bruno Bettelheim ao defender que os contos mobilizam emoções profundas da criança, permitindo que ela elabore medos, angústias e desejos por meio da fantasia (BETTELHEIM, 1980). Assim, os sentimentos demonstrados através das emoções não são apenas reação uma momentânea, mas parte de um processo simbólico de elaboração emocional

Outra forma de perceber os fenômenos imaginativos e criativos nas crianças através das histórias é o momento em que as narrativas “saem dos livros” e ganham vida através das brincadeiras e desenhos. Uma das brincadeiras mais recorrentes na hora do parquinho era a do lobo mau. As crianças escolhiam um amigo para ser o lobo e as outras corriam e se escondiam, todos corriam do lobo, e se escondiam dentro da casinha, o lobo então soprava e soprava para tentar derrubar a casa e assim a brincadeira se repetia. Essa perspectiva consiste no que Piaget (1975) denomina jogo simbólico, momento em que a criança representa papéis, recria situações e ressignifica experiências por meio da imaginação. Nessa perspectiva, a história ouvida transforma-se em ação concreta, permitindo à criança experimentar papéis, emoções e conflitos de forma lúdica.

As histórias também ganhavam novas formas por meio dos desenhos produzidos pelas crianças. Ao desenhar, elas verbalizavam suas intenções, afirmando estar desenhando o lobo mau, princesas, heróis ou outros personagens das narrativas ouvidas. Esses desenhos configuram-se como representações concretas da imaginação infantil, revelando como as crianças ressignificam as histórias a partir de suas próprias percepções, emoções e experiências. Assim as crianças faziam, acompanhadas pelas educadoras, registros através de desenhos sobre a história contada. A figura 6 revela o momento em que uma criança retratou em desenho a “lagarta” personagem da história *A lagarta comilona*, do autor Eric Cale contada em sala.

Figura 6- A Lagarta Comilona



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2026)

As salas e bibliotecas da escola contêm um grande acervo de livros diversos tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, conforme já mencionado. No entanto, no que se refere ao maternal I, observou-se uma preferência pelo uso de contos de fadas e livros de aventura, gêneros que, de fato, são os mais solicitados pelas crianças, conforme relatado pelas educadoras.

Embora esses gêneros sejam amplamente apreciados pelo grupo, a literatura infantil é extensa e contempla outros gêneros que também podem e devem ser explorados com as crianças pequenas, como parlendas, poemas, cantigas e mitos. Ressalta-se, contudo, que esses gêneros precisam ser apresentados em versões simplificadas, com linguagem acessível, forte apoio visual e mediação intencional da educadora, de modo a respeitar a faixa etária e favorecer experiências significativas de aprendizado.

Durante o período de observação da turma e das educadoras, tonou-se perceptível também que, embora as professoras tenham indicado no questionário que utilizam os demais espaços da escola para a contação de histórias, na prática, essa atividade acontecia quase sempre na sala referência. Essa constatação evidencia a pouca exploração de ambientes como parques, onde as crianças já

associam ao local de brincar, onde o sol, a sombra e o vento trazem experiências sensoriais únicas que podem tornar esse momento mais agradável, envolvente e significativo. A biblioteca também é um ambiente rico para a contação de histórias, pois favorece o contato direto e intencional com os livros propiciando o desenvolvimento do interesse pela leitura e o universo literário desde pequenos.

A partir das observações, também foi possível identificar aspectos importantes relacionados ao desenvolvimento da linguagem oral e a aproximação da linguagem escrita. Quando as educadoras liam as histórias, as crianças demonstravam entender nitidamente o que estava sendo narrado, repetiam as frases, imitavam os sons dos animais como o som que o Lobo Mau faz quando está na floresta, assim como a professora Márcia retrata no questionário.

Antes ou depois do momento da contação de histórias, as professoras reservam um tempo para que as crianças possam manipular e brincar livremente com os livros. Em uma dessas situações observadas, a professora convidou uma criança da roda a “ler” o que havia em seu livro. A criança, à sua maneira, abriu o livro, folheou as páginas, apontou as imagens com os dedos e realizou uma releitura da história com base em suas próprias interpretações e nas concepções que vinha construindo sobre o que significa ler.

Essa experiência evidencia que, nesse estágio do desenvolvimento, a criança se apropria do conceito de leitura de forma gradual e significativa, utilizando principalmente as imagens, a memória e a oralidade para atribuir sentidos ao texto. Conforme afirma Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que permite compreender que, nesse contexto, a criança realizou uma leitura de acordo com suas vivências, percepções e conhecimentos prévios, atribuindo significado ao livro mesmo antes do domínio da linguagem escrita.

Portanto, com base nas experiências de observação em sala e nas concepções das educadoras acerca da contação de histórias no Maternal I, foi possível constatar que essa prática contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral das crianças. A contação de histórias favorece aspectos emocionais e sociais, estimula a linguagem oral, amplia a imaginação e a criatividade, além de promover experiências de escuta, interação e expressão que são fundamentais na primeira infância. Quando realizada de forma intencional e

mediada pela educadora, a contação de histórias consolida-se como uma prática pedagógica essencial, capaz de enriquecer as vivências das crianças e de contribuir para múltiplos aprendizados. Contudo, a contação de histórias não termina quando o livro se fecha, as histórias permanecem vivas e presentes no brincar, no falar e no imaginário infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil, com ênfase no estímulo da linguagem, da imaginação e da criatividade em uma escola privada localizada no município de São Luís–MA. De modo geral, através das respostas das educadoras ao questionário utilizado na coleta de dados e das vivências que obtive a partir da observação do cotidiano da educação infantil os resultados revelaram que a contação de histórias pelas educadoras para as crianças do maternal constituem um momento significativo da rotina escolar, contribuindo para o desenvolvimento infantil de forma ampla.

As práticas observadas evidenciaram que a contação de histórias favorece o desenvolvimento da linguagem oral, da imaginação e da criatividade e ainda contemplam os aspectos sociais, cognitivos e afetivos da criança. As estratégias utilizadas pelas educadoras como a utilização de músicas, fantoches, entonações de voz e recursos visuais e táteis, demonstram o comprometimento e intencionalidade pedagógica além de contribuir para tornar o momento da contação de histórias mais envolvente e lúdico.

Também foram identificados alguns limites nas práticas observadas, como a pouca diversidade de gêneros literários e a utilização restrita de outros espaços da escola, como a biblioteca e os parques. Apesar da instituição escolar possuir um acervo diversificado de livros, observou-se que na turma do maternal I, havia uma predominância dos contos de fada e histórias de aventuras, o que aponta para a necessidade de ampliar o repertório literário oferecido às crianças, incluindo outros gêneros como parlendas, poesias, cantigas, mitos, adaptados à faixa etária.

Diante disso, destaca-se que a contação de histórias deve fazer parte da rotina na educação infantil, pois quando realizada de maneira intencional, planejada e mediada, deixa de ser apenas um momento de entretenimento e se configura como prática pedagógica importante no desenvolvimento das crianças nessa fase da vida.

Por fim, este trabalho contribuiu de maneira exponencial para a formação pessoal, acadêmica e profissional da pesquisadora, ao possibilitar um olhar reflexivo sobre a contação de histórias no contexto da educação infantil. Espera-se que as reflexões apresentadas até aqui possam colaborar com futuras práticas docentes, incentivando a ampliação de pesquisas na área e reafirmando a contação de histórias como elemento essencial no processo educativo na primeira infância.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Delcimaria Dantas de. **Adultização infantil no século XXI: uma abordagem histórica acerca das concepções de infância**. Caicó – RN, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BAGNO, Marcos. **Fábulas fabulosas**. São Paulo: Ática, 2006, p. 51-52.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. **A importância da rotina na Educação Infantil**. Revista Fafibe On-Line, Bebedouro, ano VI, n. 6, p. 1–7, nov. 2013. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistafafibeonline>. Acesso em: 31 dez. 2025.

BORELLA, Thaís. **Desenvolvimento da linguagem infantil à luz da teoria histórico-cultural: contribuições de práticas literárias na primeira infância**. Presidente Prudente, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 17 de outubro de 2024**. Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 205, p. 40, 22 out. 2024.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRUNER, Jerome. **A criança como aprendiz**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

COSTA, M.; CAVALCANTE, D.; AGLIO, D. **Desenvolvimento infantil e fatores determinantes**. São Paulo: Pascal, 2015.

CREMIN, Teresa; FLEWITT, Rosie; MARDELL, Ben; SWANN, Joan. **Storytelling in Early Childhood: Enriching language, literacy and classroom culture**. Londres: Routledge, 2016.

DUKE CENTER FOR CHILD & FAMILY POLICY. **The power of storytelling: How parents and caregivers can give children a strong foundation for language and literacy development**. Durham: Duke University, 2021.

FERREIRA, Amauri Carlos. **Os Gregos: a aprendizagem pela narrativa e representação**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 21, n. 35, p. 12-35, 2020. DOI: 10.5752/P.2237-8871.2020v21n35p12. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/25258>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 30 dez. 2025.

LUIZ, Fernando Teixeira. **A história do ensino de literatura infantil no Brasil: um estudo sobre a trajetória da obra de Monteiro Lobato na escola**. Nuances: estudos sobre educação, ano XI, v. 12, n. 13, p. 163-178, jan./dez. 2005.

LUNAR, André. **O livro ilustrado de conto de fadas metatextual e metaficcional como reinvenção do conto Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm**. Revista da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 13, n. 40, p. 63-89, maio/ago. 2020.

MONTEIRO, L. A. R.; SILVA, R. G.; SANTOS, S. S. **O uso da fábula como ferramenta para o ensino e aprendizagem na educação infantil**. Revista de Educação da UNIBRA, Recife, v. 9, n. 2, p. 77-90, 2023.

PERRAULT, Charles. **Les Contes de Perrault**. Paris: J. Hetzel, 1867. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Les_Contes_de_Perrault. Acesso em: 2025.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PINHEIRO, Silva. **A importância da literatura infantil**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 7, n. 6, jun. 2021. ISSN 2675-3375. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1522/656>. Acesso em: 13 dez. 2025.

QUEIROZ, M. A.; ALMEIDA, E. G. **Lendas populares brasileiras: ludicidade, criatividade e elementos cênicos na arte de contar e recriar histórias**. Cadernos da Pedagogia, v. 19, n. 44, 2025.

ROCHA, Káthia dos Santos. **A infância na obra O Menino Maluquinho, de Ziraldo: reflexões para o contexto educativo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Kelly dos. **O Menino Maluquinho: a importância da literatura infantil no processo de leitura e escrita**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Bahia, 2009.

SILVA, Alcione Cândido da. **Peraltes do Menino Maluquinho: leituras possíveis da obra de Ziraldo**. Revista ANL – UniAcademia, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semiónovitch. **Imaginação e criação na infância**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VITOR, R. C.; MEDEIROS, J. L.; FERREIRA, M. **Literatura e educação infantil: fábulas e a perspectiva da formação integral**. Revista de Comunicação Científica, v. 4, n. 17, 2024.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o/a Sr./Sr.^a para participar da Pesquisa “A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE SÃO LUÍS-MA”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Debora Costa Belfort que tem como objetivo analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças na Educação infantil numa escola da rede privada de São Luís-MA. Sua participação é voluntária e dar-se-á por meio de entrevista, cujo conteúdo será registrado. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos previsíveis para as participantes. Em caso de desconforto, a entrevista pode ser suspensa a qualquer momento, caso seja desejado. Se o/a Sr./Sr.^a aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para a produção científica na área de Educação Infantil. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr./Sr.^a desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O/a Sr./Sr.^a não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr./Sr.^a tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcida pela pesquisadora responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o/a Sr./Sr.^a poderá entrar em contato com a pesquisadora nos seguintes endereços de email debora.cb@discente.ufma.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informada sobre a natureza da pesquisa e porque a pesquisadora precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou receber nenhuma remuneração e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, que serão assinadas por mim e pelas pesquisadoras, ficando uma via com cada uma de nós.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

São Luís, MA ____/____/____

APÊNDICE B – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORAS DO MATERNAL 1

INFORMAÇÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS:

NOME:

IDADE:

FORMAÇÃO/CURSO:

ANO DA FORMAÇÃO:

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA EUCAÇÃO:

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA EUCAÇÃO INFANTIL:

INFORMAÇÕES DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA:

1. O que você entende por contação de histórias?
2. Você realiza contação de histórias na sala de referência? Se sim, com qual frequência?
3. Quais estratégias metodologias você utiliza na contação de histórias?
4. A contação de histórias está presente no planejamento/rotina da sala de referência?
5. Como é realizada a escolha dos livros? Quais livros despertam maior interesse nas crianças?
6. Como a sua escola promove o hábito da leitura? Que espaços (como biblioteca, sala de leitura, áreas externas) são utilizados nesse processo?
7. A contação de histórias é uma boa estratégia para o estímulo à formação leitora das crianças? Se sim, de que forma?
8. A contação de histórias estimula a imaginação e a criatividade infantil? Se sim, de que forma?

9. A contação de histórias estimula a linguagem das crianças? De que forma? Se sim, de que forma?
10. A contação de histórias estimula o desenvolvimento de habilidades sociais das crianças? Se sim, de que forma?
11. A contação de histórias auxilia no desenvolvimento cognitivo das crianças? Se sim, de que forma?
12. Você possui alguma dificuldade no momento da contação de histórias? Qual/quais?
13. Você recebeu (ou recebe) alguma formação que auxilie na contação de histórias? Se sim, como se deu (ou se dá) essa formação? Ocorreu na faculdade? Em algum curso específico? Você quem toma a iniciativa de fazer os cursos?
14. A escola promove formação continuada que aborde a contação de histórias? Se sim, com qual frequência? Essa formação atende às suas necessidades?